

# DIALÉTICA: DA ARTE DO DIÁLOGO AO “NÍVEL DO SER”

---

**Antonio Carlos Pereira da Silva**

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Língua Espanhola e suas Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR

**Elizabete Melo Nogueira**

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Língua Espanhola e suas Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR

## RESUMO

Numa tentativa de definir a trajetória da dialética, os fatos demonstram que o que começou como a arte do diálogo, acabou se tornando uma ferramenta substancial para se analisar, ao longo da história, o homem e sua influência sobre a natureza e vice-versa. Partindo-se da concepção helênica, este artigo busca explicitar os conceitos dialéticos pelos quais a humanidade tem se deparado, assimilado e superado desde que o homem começou a se questionar sobre o porquê de tudo, chegando à conclusão que a dialética é um modo de pensar que, ao privilegiar as contradições da realidade, permite que o sujeito se compreenda como agente e colaborador do processo de transformação constante através do qual todas as coisas existem, respeitando seu lado humanista, o que faz com que cada vez menos se distancie das virtudes essenciais que estão contidas nos níveis do ser.

## PALAVRAS CHAVES:

Dialética. Filosofia. Materialismo dialético. Autoconhecimento.

## ABSTRACT

*In an attempt to define the trajectory of dialectic, facts show that what began as art of dialogue has become a substantial tool for analyzing in the course of history, man and his influence on nature and contrariwise. Based on the Hellenic conception, this article seeks to clarify the dialectical concepts by which humanity has been faced, assimilated and overcome since man began to question why of everything. Camming to the conclusion that dialectic is a way of thinking that focus on the contradictions of reality. It allows the subject to understand itself as agent and developer in the constant process of transformation through which all things exist, respecting their human side, which means that few are far away from essential virtues that are contained in the levels of being.*

## KEYWORDS:

*Dialectic; Philosophy; Dialectical Materialism; Self-Knowledge.*

## INTRODUÇÃO

Diante da transitoriedade dos fatos, partindo da premissa de que o homem já aceitou sua posição efêmera, tendo em vista que a perenidade lhe fora negada, e que o que lhe resta são acontecimentos sucessórios e intermitentes, este artigo busca analisar as discussões sobre as complexidades próprias do homem — dada a sua natureza dialética e sua relação metamórfica com os outros homens e com a natureza. Neste contexto de afirmação, a filosofia, em sua eterna busca por explicações, acaba sendo a única forma pela qual podemos compreender a tão complexa natureza humana; e como para explicar o complicado, precisamos complicar mais ainda. A filosofia pode ser representada como um grande quadro fragmentado no qual precisamos encaixar todas as peças disponíveis individualmente umas nas outras. E encaixamos, na medida do possível, porém, como tudo é contraditório, o busílico da questão, a grande dificuldade reside no fato de não existir a totalidade das peças, uma vez que estamos em constante mudança, em eterna contradição.

Dentro desta analogia, cada ciência em particular é retratada como uma parte do mosaico, que é a compreensão do todo, e a filosofia que contém dentro de si todas as ciências e questões existentes e, da qual todas as ciências derivam, tem um papel especial — o que nos leva a afirmar que praticar filosofia consiste

em fazer a explicação do mundo, entendendo, num processo de questionamento, as modificações dialéticas pelas quais nos perpassamos constantemente. Assim como o mundo passa por grandes mudanças, na filosofia também ocorrem crises e novas interpretações sobre o mundo, num processo sempiterno por novas explicações e perenes quebras, que geram posteriores implantações de novos paradigmas. Então, como se pensa dialética nos dias atuais? A razão dialética, hoje, se analisa de acordo com o pensamento contemporâneo, sem esquecer, no entanto, o vasto conhecimento a si agregado desde a sua criação. E já se vão alguns séculos desde que o homem começou a questionar a si mesmo e ao mundo que o cerca.

Atualmente, o pensamento pós-moderno, que é a substituição da percepção de uma razão única pela concepção de múltiplas razões, e que surgiu depois de recentes mudanças na Europa com a queda de limites geográficos e políticos, gera uma maior tolerância em relação a outras culturas e contribui para uma mentalidade mais aberta, embora, somente perceber as múltiplas razões, sem uma conexão entre elas, acaba deixando um vazio que leva ao evento do contraditório, exemplificando que a dialética está mais viva e mais dialética do que nunca.

## DESENVOLVIMENTO

O que por muito tempo foi considerado como a arte do diálogo, isso em eras helênicas, quando as narrações mitológicas imperavam, acabou sendo com o decorrer dos séculos a ser, no diálogo, a arte de demonstrar uma tese através de uma argumentação capaz de definir e discernir claramente os conceitos envolvidos na discussão. A dialética já viveu os mais variados estágios ao longo da história: com Platão (428/27-347 a.C.), foi sinônimo de filosofia, como o método mais eficaz de aproximação entre as ideias particulares e as universais. Aristóteles (384-322 a.C.) chegou a defini-la como a lógica do provável, do processo racional que não pode ser demonstrado, sendo o provável aquilo que parece aceitável a todos, ou à maioria, ou aos mais conhecidos e ilustres; mas isso não impediu que a dialética fosse perseguida por muitos, cultuada por outros tantos e até ridicularizada alguns, chegando a ser definida como a “*dama de costumes fáceis*” (MERQUIOR *apud* KONDER 2006, p.84)... Conceitos, contradições, opiniões diversas, nada que pudesse modificar sua eficácia ou dirimir sua importância.

O conceito de dialética é utilizado por diferentes doutrinas filosóficas e, de acordo com cada uma, assume um significado distinto. Em todos, porém, encontramos uma similaridade, como uma técnica de perguntar, responder e refutar, partindo-se do princípio de que somente através do diálogo conseguimos atingir o verdadeiro conhecimento, como numa decomposição e investigação racional de um conceito, para se chegar a uma síntese, que também deve ser examinada, num processo infinito que busca a verdade; afinal, o homem não é fim ou um valor superior, perfeito, acabado, pelo contrário: está sempre por se fazer.

Todas as coisas estão sujeitas a passar de uma mudança à outra; a razão, buscando nelas uma subsistência real, só pode frustrar-se, pois nada pode aprender de permanente, já que tudo ou está começando a ser – e absolutamente ainda não é – ou então já está começando a morrer antes de ter sido (MONTAIGNE *apud* KONDER 2006, p. 15).

A passagem do ser para o não-ser não acarreta a destruição ou a negação do primeiro, mas o movimento para a construção de outra realidade, que surgirá no terceiro momento da dialética, ou seja, a síntese, que seria o resultado, o devir, uma forma de superação da contradição. Quando questionamos um paradigma, por exemplo, delimitando sua limitação, expondo melhorias e possíveis avanços, mas de modo algum o invalidamos por completo. Na nova concepção estão contidas todas as diretrizes do agora superado paradigma, em resumo, apenas foram ampliados seus tentáculos de abrangência, o que nos leva a afirmar que a compreensão é elástica, expansível: o que hoje compreendemos bem, certamente amanhã compreenderemos melhor. Nada mais dialético, em se tratando que a concepção essencialista do mundo exige a lógica formal tradicional, que parte do pressuposto do princípio de identidade, a concepção dinâmica, dialética, na qual tudo está em constante processo, compreende o real na sua contraditoriedade, na oposição entre tese e antítese dentro do campo do conhecimento.

## 1. A DIALÉTICA E A TOTALIDADE

Além da contraditoriedade, outra característica importante da dialética é a categoria de totalidade, pela qual o todo predomina sobre as partes que o constituem. A visão totalizante é necessária para se enxergar todos os lados, e assim encaminhar uma solução a um problema. “*A verdade é o todo*” (HEGEL

KONDER 2006, p.36). Ao dizer isso, Hegel idealizava uma definição de totalidade; embora o conceito pareça deveras abrangente, e até intangível, se visto por certos prismas, precisamos ter essa visão totalizante, pois se não enxergamos o todo, podemos atribuir valores exagerados a verdades limitadas, prejudicando a compreensão de uma verdade mais geral.

Segundo Konder (2006, p. 37) “*A realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela*”, ou seja, a totalidade é mais do que a soma das partes, e essa “visão de conjunto” é sempre provisória e nunca pode pretender esgotar a realidade a que se refere. Afirmção fundamentada pela lógica dos três estágios acima citados: do contrário a dialética estaria negando a si própria. Isso significa que as coisas estão em constante “relação recíproca” e que nenhum fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido isoladamente, separado dos fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são partículas, mas pertencem a um todo dialético e, como tal, fazem parte de uma estrutura.

A dialética não requer tais acontecimentos substantivos e independentes; seu domínio é o processo histórico como um todo, cujos momentos individuais, concretos, irrepitíveis, revelam sua essência dialética, precisamente nas diferenças qualitativas entre eles e a contínua transformação de sua estrutura objetiva. A totalidade é o território da dialética (LUKÁCS, 1974, p. 48).

Logo, é fundamental enxergar o todo. Mas nunca temos certeza que estamos trabalhando com a totalidade correta. Nesse sentido a doutrina fornece indicações: a teoria dialética alerta nossa atenção para as sínteses, identificando as contradições concretas e as mediações específicas que constituem a rede de cada totalidade. Sendo que a contradição é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem. Porém, o esgotamento de todos os aspectos, que teoricamente constituiriam a totalidade, bem como o conhecimento de todos os fatos é algo intangível à capacidade humana de conhecer a realidade, isto é, o significado da totalidade no seu sentido de amplitude máxima é, na prática, inatingível ao conhecimento do homem. O que nos resta é o bojo combinatório dos fatores que somos capazes de captar nos seus mais variáveis níveis de gradação, profundidade e organização.

Nessa linha de raciocínio, precisamos pensar tanto a multiplicidade como a unidade, repensando assim, Parmênides (cerca de 530 - 460 a. C.) e Heráclito (aprox. 540 - 480 a.C.), filósofos gregos que estabeleceram as primeiras contradições dialéticas que influenciaram os homens de sua época. Parmênides,

afirmando que o movimento, a mudança era um fenômeno superficial, contrapõe realidade e aparência, apontando por realidade o ser imóvel, e atribuindo aos eventos em movimento, a qualidade de mera aparência. Segundo seus argumentos, o movimento não existe, trata-se de pura ilusão. Tais acepções fizeram dele o pioneiro na profundidade do questionamento sobre a unidade da razão e do ser, abordando o todo e o uno; embora, lhe faltasse uma percepção maior sobre o movimento que em tudo flui.

Heráclito, o obscuro, como ficou conhecido, diferente de Parmênides, nos mostra uma percepção mais ampla sobre o movimento, dizendo que a realidade não é imóvel e imutável, mas, sim, o movimento que jamais cessa, entendendo-se, aqui, por movimento, as transformações que em tudo ocorre. Daí a dizer que o homem não toma banho duas vezes no mesmo rio, digamos: foi um salto, melhor — um mergulho. Para ele a realidade é um tono que liga e concilia Ser e Não-Ser. Com suas concepções exacerbadas é que surgem os primeiros traços da dialética semelhante a que conhecemos hoje. Não que Sócrates (469-399 a.C) não tivesse abordado o tema: Abordou, mas, nas palavras do “pai dos filósofos”, a dialética ainda era apenas a arte do diálogo. Com Heráclito ela tomou forma, e, Ser e Não-Ser, Tese e Antítese, agora conciliados resultavam em uma síntese. Entretanto, por mais contundente que fossem seus argumentos, as pessoas preferiram, diga-se de passagem, as ideias de Parmênides, renegando Heráclito ao ostracismo. A rotina nos parece mais compreensível e fácil de dominar que a mudança.

## **1.1 A DIALÉTICA AO LONGO DA HISTÓRIA**

No início do século XIX, Georg Wilhelm Hegel (1770-1831), desejando solucionar o problema das transformações às quais a realidade está submetida, apresenta a dialética como um movimento racional que permite transpor uma contradição. Uma tese inicial contradiz-se e é ultrapassada por sua antítese. Essa antítese, que conserva elementos da tese, é superada pela síntese, que combina elementos das duas primeiras, num progressivo enriquecimento. Segundo Hegel, a história da humanidade cumpre uma trajetória dialética marcada por três momentos: tese, antítese e síntese.

Entretanto, essa concepção dialética não é uma unanimidade, ou pelo menos na vida real não funciona assim, como afirma Bobbio (1999, p. 39), ao

dizer que "*Gramsci entende que o erro filosófico consiste no fato de que no processo dialético pressupõe-se que A TESE DEVA SER CONSERVADA PELA ANTÍ-TESE, a fim de que o próprio processo não seja destruído*". O próprio Gramsci deixa isso bem claro nos Cadernos do Cárcere (10, I § 6), asseverando que "na história real a antítese tende a destruir a tese, a síntese será uma superação, mas sem que possa a 'priori' estabelecer o que da tese será conservado na síntese, sem que se possa medir os golpes como se estivesse em um ringue convencionalmente regulamentado." A genuína concepção gramsciana considera a antítese como negação real e total da tese. Acredito que haja um pensamento que tenta preservar-se na tese, ou porque pretende conservar na antítese uma parte dela, a tese, ou porque pretende desenvolver toda a tese até o ponto de conseguir incorporar nela uma parte da própria antítese.

## 2. O MÉTODO DIALÉTICO

O caráter materialista da dialética precisava ser evidenciado, e nesse contexto, Friedrich Engels (1820-1895), o grande amigo de Karl Marx (1818-1883), concentrou, então, sua atenção no exame dos princípios daquilo que ele chamou, segundo Konder (2006, p. 58), de “dialética da natureza”, chegando à conclusão de que a dialética materialista une pensamento e realidade, mostrando que a realidade é contraditória ao pensamento dialético e que o método dialético era o processo de interpretação da realidade que se baseava em três grandes princípios:

- Quantidade e qualidade – características que estão inter-relacionadas;
- A unidade dos opostos - todos os objetos e fenômenos apresentam aspectos contraditórios; e
- Negação da negação - a mudança nega o que é mudado e o resultado, por sua vez é negado, mas esta segunda negação conduz a um desenvolvimento.

A primeira lei é sobre a passagem da quantidade à qualidade, mas que varia no ritmo/período. A segunda é a lei da interpenetração dos contrários, ou seja, a ideia de que tudo tem a ver com tudo, que os lados que se opõem, são na verdade uma unidade, na qual um dos lados prevalece. A terceira lei é a da negação, na qual a negação e a afirmação são superadas. Ou seja, a tese é uma afirmação ou situação inicialmente dada. A antítese é uma oposição à tese. Do

conflito entre tese e antítese surge a síntese, que é uma situação nova que carrega dentro de si elementos resultantes desse embate. A síntese, então, torna-se uma nova tese, que contrasta com uma nova antítese gerando uma nova síntese, em um processo em cadeia infinito.

A filosofia descreve a realidade e a reflete, portanto, a dialética busca, não interpretar, mas refletir acerca da realidade. Por isso, seus três momentos (tese, antítese e síntese) não são um método, mas derivam da dialética mesma, da natureza das coisas. Porém, essas leis devem ser usadas com precaução, pois a dialética não se deixa reduzir a três leis apenas. Segundo Konder (2006, p. 84) o método dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro, o que está sendo em nome do que ainda não é.

Anos depois, de acordo com Konder (2006, p. 70), dando início a “uma tendência anti-dialética”, Josef Stálin (1879-1953), aproveitando-se da morte de Lênin (1870-1924), que foi um dos revolucionários que lutaram contra a deformação da concepção marxista da história, e ainda por cima, a partir dos estudos da obra de Hegel, aplicou os conhecimentos na prática, como na estratégia que liderou a tomada do poder na Rússia, ele, Stálin, que embora fosse um grande político, e como Engels, tivesse talento para “simplificações didáticas”, como afirma o autor, pecava por desprezar a teoria, chagando ao cúmulo de “corrigir” as três leis deste, esboçando por cima, “quatro traços fundamentais”, que são: 1) Ação recíproca, unidade polar ou "tudo se relaciona"; 2) Mudança dialética, negação da negação ou "tudo se transforma"; 3) Passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa; 4) Interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários.

Sendo, nas palavras de Konder (2006, p. 72) 1) a conexão universal e interdependência dos fenômenos; 2) o movimento, transformação e desenvolvimento; 3) a passagem de um estado qualitativo a outro; e 4) a luta dos contrários como fonte interna do desenvolvimento.

### **3. A DIALÉTICA MARXISTA**

Karl Marx e Friedrich Engels reformam o conceito hegeliano de dialética: utilizam a mesma forma, mas introduzem um novo conteúdo. Chamam essa nova dialética de materialista, porque o movimento histórico, para eles,



é derivado das condições materiais da vida. Sendo assim, a dialética materialista analisa a história do ponto de vista dos processos econômicos e sociais e a divide em quatro momentos: Antiguidade, feudalismo, capitalismo e socialismo. Cada um dos três primeiros é superado por uma contradição interna, chamada "germe da destruição". A contradição da Antiguidade é a escravidão; do feudalismo, os servos; e do capitalismo, o proletariado. O socialismo seria a síntese final, em que a história cumpre seu desenvolvimento dialético. Ao fundamentar essa nova visão da dialética, Marx formulou uma nova lógica ou teoria histórica, que ficou conhecida como "materialismo dialético histórico". Esta consistia no desenvolvimento bem mais elevado que as intuições do materialismo feuerbachiano sobre uma interpretação materialista e dialética do devir da humanidade (evolução histórica). Estava criada a dialética nos padrões marxistas, onde os fatores reais, socioeconômicos podem influenciar o rumo dos acontecimentos.

Após ter se distanciado de Feuerbach (1804-1872), de quem adotou a concepção, Marx acabou superando o seu mestre, Hegel, de quem adotou a dialética, logo que colocou suas ideias literalmente nas ruas e nos problemas humanos: fonte inesgotável de dilemas, teses, antítese e sínteses. Embora divergissem em alguns pontos, os dois pensadores, Marx e Hegel, encaravam a dialética sob um mesmo prisma: Ambos não tinham para si a dialética como mero procedimento lógico (ou retórico) como seria para Aristóteles. A dialética estaria relacionada indistintamente com uma filosofia da história e, no caso de Marx, com uma teoria da práxis. Se por um lado concordavam, por outro discrepavam:

A dialética de MARX encontra-se nas antípodas da dialética de HEGEL porque não defende uma tese filosófica pré-concebida, mas propõe-se a fazer sobressair a complexidade e o caráter dramático da realidade social e a relatividade dos diferentes quadros sociais em que decorre a vida econômica. Além disso, a dialética de MARX levanta um problema novo que HEGEL não considerou nem poderia ter considerado: o da relação dialética entre o método dialético e a realidade social e, sobretudo, a realidade humana, que já é dialética. (GURVITCH 1986, p. 567)

Ou seja, para Marx, não é a consciência das pessoas que explica a sociedade, como afirmava Hegel, mas determinada maneira de se apropriar da natureza e agir criando determinada consciência, determinada maneira de pensar. Por isso a dialética de Marx encontra-se nas antípodas da de Hegel, como diz Gurvitch (1986, p.567) isto é, uma é o contrário da outra; sobre isso, Marx

costumava afirmar, dizendo que a dialética de Hegel estava de cabeça para baixo, ele, Marx, apenas a colocara na posição correta. Realmente Marx tinha uma visão diferente de Hegel, certamente por ter convivido desde cedo com movimento operário, com as classes mais necessitadas e ter atuado junto aos trabalhadores, diferente do mestre, recluso em bibliotecas e salas de aulas boa parte da vida.

Agora, colocando esta diferença em termos histórico-filosóficos, para Hegel o caminho dialético seguia até o Absoluto, mediante um processo em que o Espírito ganhava consciência de si, dentro da concepção idealista da filosofia alemã, é claro. A cada novo estágio o Espírito se conscientizava mais de si através dos elementos de contradição contidos em sua própria fase histórica. Assim em determinado período "o homem era escravo", entretanto, a própria "ideia" de homem concebia a liberdade e se antepunha à escravidão. Homem e escravidão entrariam em contradição; então, o homem deveria deixar de ser escravo, dando ao Espírito consciência. Porém, como já foi dito, para Marx não é a consciência que transforma as relações materiais, mas o contrário, ou seja, é por meio dos processos sociais, materiais, notadamente do trabalho, que a consciência é formada. Lembremos que nossas relações materiais se expressam através de nossas ideias. Assim, embora o processo seja o mesmo: tese - antítese - síntese, em Hegel a Ideia entra em contradição com as relações materiais e transforma as condições históricas para algo novo, em Marx as relações de produção (aqui se quisermos ficar somente em seus termos) entram em contradição com as Ideias e apontam para algo novo. Pode parecer simples, mas essa simples mudança de posição tem consequências importantes na filosofia e teoria social dos dois pensadores. Percebe-se isso confrontando suas posições, uma vez que Marx valoriza o trabalho físico, e Hegel, o intelectual. Essa concepção abstrata do trabalho levava Hegel a só ver o lado criativo do trabalho, o que fez com que ele fosse incapaz de analisar os problemas ligados à alienação do trabalho nas sociedades capitalistas.

#### **4. A DIALÉTICA E O TRABALHO**

Chegamos a um ponto crucial para um completo entendimento da dialética marxista: O trabalho. Com o trabalho surge a primeira oportunidade do ser humano em contraposição atuar como participante sujeito à natureza. Podemos afirmar enfaticamente: "O homem jamais deixará de pertencer à

natureza”. Por meio do trabalho, porém, ele deixa de pertencer inteiramente a ela, já que, diferente dos outros animais, o ser humano é capaz de antecipar os resultados das suas ações, e não só, agir em função das necessidades imediatas, pois, embora faça parte do todo, com o trabalho, ele vai além; e se não deixa de pertencer completamente, pelo menos passa a não pertencer por inteiro.

Nas palavras de Konder (2006, p. 26) o trabalho é o conceito-chave para nós compreendermos o que é a superação dialética. Na tentativa de explicar essa superação, Hegel utilizou, continua o autor, um verbo alemão *aufheben* que quer dizer supressão (com três significados): negação de uma determinada realidade, conservação de algo essencial dessa realidade e elevação a um nível superior. O reprimido ou negado permanece dentro da totalidade. Entre outras palavras você nega, ao mesmo tempo em que conserva para depois elevar. Sobre isso Marx criticou veementemente Hegel, alegando que seu mestre não viveu nessa realidade, senão através dos livros e corredores de bibliotecas.

Hegel descobriu “(...) que o homem transforma ativamente a realidade, mas quem impõe o ritmo e as condições dessa transformação ao sujeito é, em última análise, a realidade objetiva” (HEGEL *apud* KONDER 2006, p. 23), ou seja, o homem consegue transformar a natureza através do trabalho, e é por meio desse artifício que ele, homem, impetra impulsionar o desenvolvimento humano, produzindo a si mesmo. Segundo Konder (2006, p. 21 e 22), Hegel demonstra assim que as contradições, ou antinomias, existentes na “razão pura” de Immanuel Kant (1724-1804), seu antecessor, além de não poderem ser expulsas do pensamento do homem, não eram “apenas uma dimensão essencial na consciência do sujeito do conhecimento”, mas “um princípio básico que não podia ser suprimido nem da consciência do sujeito nem da realidade objetiva”.

Esta contradição entre capital e trabalho é, na opinião de Marx, o elemento que origina os problemas sociais: lucro excessivo de um lado, salário baixo de outro; mansão de um lado, cortiço do outro; saúde de um lado e subnutrido de outro, e assim por diante. E, no que se refere a capital e trabalho, essa contradição é justamente essa alienação, ou seja, a negação. Expliquemos: Se a produção representa uma negação, já que o objeto se opõe ao sujeito e o nega na medida em que o pressupõe e até o define. A apropriação do valor incorporado ao objeto graças à força de trabalho do sujeito-produtor promove a negação da negação, que é a síntese nas três leis da dialética. A negação da afirmação implica negação, mas a negação da negação implica afirmação. Quando

se nega algo, diz-se não. Ora, a negação, por sua vez, é negada. Por isso se diz que a mudança dialética é a negação da negação. Ora, se a negação é alienação, a negação da negação é a desalienação. Ou seja, a partir do momento que o sujeito-produtor dá valor ao que produziu, ele já não está mais alienado.

O trabalho sempre foi a atividade pela qual o homem dominou as forças naturais, criou-se a si mesmo, e, finalmente, tornou-se seu escravo. Tudo isso devido à divisão do trabalho, propriedade privada e o agravamento da exploração do trabalho sob o capitalismo. Mas não são apenas os trabalhadores que foram afetados. A burguesia também, pela busca do lucro não consegue ter uma perspectiva totalizante, o que nos leva ao que diz Konder (2006, p. 51 e 52): “Para dar conta do movimento infinitamente rico pelo qual a realidade está sempre assumindo formas novas, os conceitos com os quais o nosso conhecimento trabalha precisam aprender a ser ‘fluídos’”. Isso porque a realidade se encontra perenemente adotando novos contornos, modificando-se, forçando o nosso conhecimento a viver num sempiterno processo de adaptação, para isso o conhecimento precisa ser maleável.

## 5. A DIALÉTICA, A MUDANÇA E A RECIPROCIDADE

A dialética hegeliana é idealista, aborda o movimento do espírito, enquanto a marxista é um método de análise da realidade, que vai do concreto ao abstrato e que oferece um papel fundamental para o processo de abstração, e todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera-se por meio das contradições ou mediante a negação de uma coisa - essa negação se refere à transformação das coisas.

Assim, a realidade no seu todo subjetivo-objetivo é dialética e contraditória, o que implica a centralidade desse conceito na metodologia proposta. A contradição sempre expressa uma relação de conflito no devir do real. Essa relação se dá na definição de um elemento pelo que ele não é. Assim, cada coisa exige a existência do seu contrário, como determinação e negação do outro. As propriedades das coisas decorrem dessa determinação recíproca e não das relações de exterioridade (CURY 1986, p. 30, § II).

Dessa forma, a contradição não pode ser entendida como algo desvinculada do real, pois ela é inerente ao próprio movimento do real, sendo o fator desencadeador dos conflitos e das disputas onde existe o debate ou a

argumentação dialética, mesmo que uma ideologia hegemônica (de cunho conservador) tente ocultar as contradições do fenômeno.

A dialética é a grande ideia fundamental segundo a qual o mundo não dever ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos em que as coisas, na aparência estáveis, do mesmo modo que os seus reflexos intelectuais no nosso cérebro, as ideias, passam por uma mudança ininterrupta de devir e decadência, em que finalmente, apesar de todos os insucessos aparentes e retrocessos momentâneos, um desenvolvimento progressivo acaba por se fazer hoje (POLITZER, 1979, p. 214).

Dentro desta contradição nenhuma coisa está "terminada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente; o fim de um processo é sempre o começo de outro, pois todos os aspectos da realidade prendem-se por laços necessários e recíprocos. A união dialética não é uma simples adição de propriedades de duas coisas opostas, simples mistura de contrários, se assim fosse, isto seria um obstáculo ao desenvolvimento.

para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório”. Enfim, "quem diz dialética, não diz só movimento, mas, também, auto-dinamismo (POLITZER, 1979, p.205).

## 6. DIALÉTICA E O NÍVEL DO SER

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais; sendo assim, como afirma Weor (1993, p. 15), “existem também diferentes Níveis de Ser. Se por um lado há gente de igreja e de prostíbulo, de comércio e de campo, etc., por outro há o que internamente somos: esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou tacanhos, violentos ou tranquilos, castos ou luxuriosos”. Assim, podemos dizer que na vida existem duas linhas (ou dois aspectos da vida) que se cruzam continuamente, sendo que uma delas, a horizontal, representa o tempo de duração de nossa existência contido entre o nosso nascimento e a morte. Evidentemente que entre o nascer e o morrer estão todos os acontecimentos e fatos do cotidiano que ocorreram e que estão por acontecer em nossa vida.

Nessa linha o que mais choca é a fidúcia peremptória de à sombra do início está contida a certeza do fim, ainda que não queiramos ou tentemos evitar.

O ser do ente está aí jogado na existência, carente de significado, envolto na pobreza do sentido que caminha na direção do limite. Hoje, diante do desenvolvimento técnico-científico que chegou à humanidade, espantamo-nos diante do limite da morte humana, somos e estamos postos frente a frente com a própria finitude (GHEDIN, 2003, p. 223).

Em contrapartida a outra linha, a vertical, nos oferece infinitas possibilidades, pois é a linha onde estão os níveis do Ser. Aqui estão acondicionadas as proibidades do caráter, a mudança interior, a sabedoria. Ainda que estejamos argumentando no campo das virtudes quando falamos da linha vertical, portanto, impalpável, abstrato, mesmo assim podemos comparar a linha vertical a uma escada, na qual os degraus mais elevados correspondem a níveis do Ser mais elevados também. E, analogamente, os degraus mais baixos estão atrelados aos níveis do Ser mais inferiores. É como se o oposto de nossa vida material pudesse ser convertido em uma escala métrica de nossas virtudes e através dela o nosso nível de melhoramento pudesse ser aferido. Afinal, medimos os acertos do presente pelos erros do outrora, em um processo de *flashback* que pode ser descrito.

Analogicamente a uma agnação, como afirma Weor (193, p. 17), “na vida as pessoas estão em variados níveis do Ser, e as pessoas com o mesmo nível do Ser tendem a se atraírem por afinidade e se relacionarem entre si”. Embora só possamos definir claramente os níveis do “ter”, que ficam na linha horizontal; supomos a existência dos níveis que nos diferenciam; níveis estes contidos na linha vertical, como mostra o esboço abaixo:

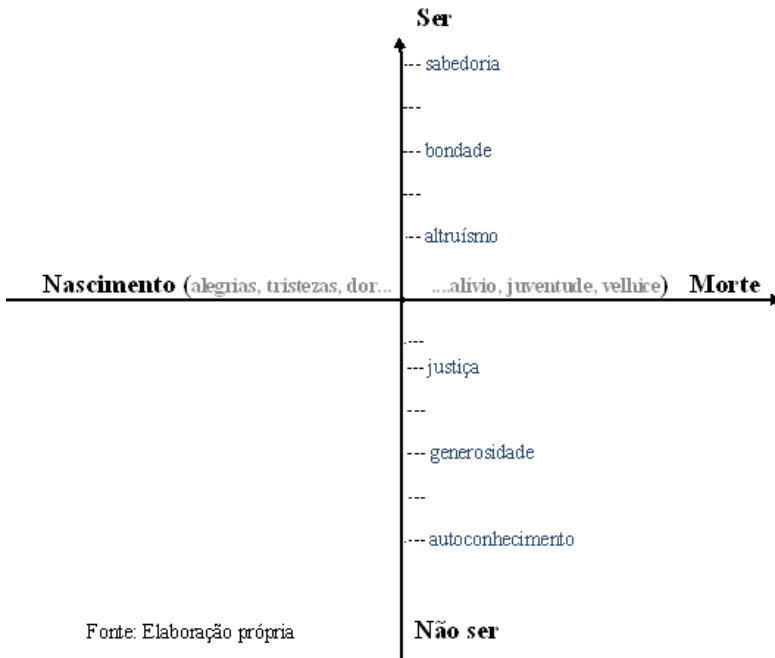


Gráfico: Nível do ser

Na linha horizontal encontram-se todas as alegrias e mazelas comuns a todos. Por mais dialéticos que sejamos uma coisa é vaticinável: somos mortais e invariavelmente percorreremos a senda da linha horizontal, pois tudo que nasce, inevitavelmente, morre. A maioria das pessoas passa pela vida sem ao menos se perguntar pelo sentido dela. Quando buscamos modificar algumas atitudes que nos nivelam por baixo, por serem frutos dos nossos maiores defeitos, imperfeições como a mesquinhez e o egoísmo, por exemplo, ascendemos pela escala vertical na direção de nos tornarmos seres humanos que mereçam ostentar a aceção do termo. Aqui fica claro então o grande dilema filosófico: “Ser ou não Ser, eis a questão”.

Com o livre arbítrio, qualquer discurso torna-se fugaz e irrelevante, sendo assim, toda retórica, (que não é dizer o que é certo, mas sim fazer o próprio receptor da mensagem chegar sozinho à conclusão de o que é certo), passou a não fazer sentido algum para a sociedade humana, uma vez que podemos utilizar desse discurso infantil para nos esconder. A abstração de ideias da sociedade é fundada apenas nos sentimentos pueris; cada ser passou a verbalizar

seus discursos e conceitos na ordem do “Ter” para ser “alguém”; ser mais um pequeno burguês na retórica capitalista. Numa contradição entre o ter e o ser, o mundo globalizado e capitalista sempre nos leva a seguir o caminho do ter sempre mais, fazendo com que nos esqueçamos de nos tornar pessoas melhores, que seria melhorar o nosso nível do ser.

Assim, a questão do conhecimento, só pode se analisada a partir da questão do ser. “A dialética, como lógica viva da ação, não pode aparecer a uma razão contemplativa. (...) No curso da ação, o indivíduo descobre a dialética como transparência racional enquanto ele a faz, e como necessidade absoluta enquanto ela lhe escapa, quer dizer, simplesmente, enquanto os outros a fazem.” (SARTRE *apud* KONDER 2006, p. 77), ou seja, o indivíduo realmente participa da sociedade quando compreende o mundo ao seu redor, seus problemas e como as coisas acontecem e por que acontecem, como se o mundo pudesse ser visto pelo prisma da transparência racional; em contrapartida, a falta desse conhecimento demonstra o vazio imenso, como uma necessidade absoluta, incapacidade somente percebida quando os outros é que fazem a história e quem não pensa dialeticamente passa pela vida como mero espectador.

Com o tempo passamos a visualizar a vida por uma janela imaginária, formando uma postura na qual temos sempre razão; quando percebemos as coisas por esse prisma, estamos fadados a sempre fazer julgamentos equivocados, já que acreditamos que os erros estão no mundo ao nosso redor, e não em nós mesmos; ou seja, “os revolucionários passam a querer transformar o mundo sem se preocuparem suficientemente com a transformação deles mesmos. Com isso, perdem muito da autocritica e não conseguem se renovar tanto quanto é necessário” (KONDER 2006, p. 84). Precisamos tomar as rédeas da nossa parcela de contribuição no processo dialético da sociedade. Enfim, “cada indivíduo — pessoalmente e sem que ninguém possa substituí-lo — tem de se formar uma cultura e viver a sua vida” (KOSIK *apud* KONDER 2006, p. 80).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo que nos rodeia, nos garante direcionar e fundamentar o pensamento, no sentido de conferir instrumentos apropriados para a elaboração de uma filosofia dialética,



verdadeiramente de Práxis, que envolva uma relação dialética entre o objetivo e o subjetivo, para que, de fato, o entendimento dos fatores sociais e suas influências em nossas vidas possam estar ao alcance de todos, já que essa compreensão de mundo costuma entrar em choque com a habitual maneira linear e dogmática de se interpretar a realidade, (por certo ainda tão peculiar à maioria das pessoas), e, estando de posse dessa capacidade, possamos fazer uma análise de tudo sem ignorar um dos aspectos mais essenciais do fenômeno: a contradição.

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo; de certo até inocentemente tolo delegar a uma teoria evolutiva o papel que verdadeiramente compete ao homem e sua ação sobre a sociedade, como se a história e suas sucessivas mudanças fossem um processo mecânico, automático, cujas oscilações são determinadas por arcabouços nos quais a iniciativa do homem é dispensável. Somos partes de um todo, e precisamos dar a nossa contribuição, pois o homem, necessariamente, não existe à margem da sociedade, pois antes de se individualizar, ele primeiro se socializa, e socializar-se é incorporar-se com a massa, e a massa é, pois, a extensão do indivíduo; não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma... E se precisamos modificamos o mundo, que essa mudança começa conosco primeiro.

## REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**, São Paulo: Cortez, 1989.
- FOULQUIÉ, Paul. **A Dialética**, 3ª ed. Europa-América, 1978. (Col. saber).
- GHEDIN, Evandro, **A Filosofia e o Filosofar**, São Paulo: Uniletras, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce**, México: J. Pablos, 1986. (Cuadernos de la Cárcel; 3).
- GURVITCH, Georges. **A Vocação Atual da Sociologia – vol. II: antecedentes e perspectivas**, Lisboa: Cosmos, 1986.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, Coleção primeiros passos, 2006.

KRAPIVIENE, V. **O que é o Materialismo Dialético?** Moscou: Progresso, Coleção abc dos conhecimentos sociais e políticos, 1986.

LUKÁCS, Georg. **Tecnología y relaciones sociales**. In: BULHARIN, Nicolai. **Teoría Del materialismo histórico**. Madri: Siglo XXI, 1974, pp. 41-51.

POLITZER, Georges. **Principes élémentaires de philosophie**, Paris: Ediciones Sociales, 1979.

WEOR, Samael Aun. **Tratado de psicologia revolucionária**, São Paulo: Centro de Estudos de Antropologia Gnóstica, 1993.